

# LUX FILM DAYS

3 FILMES  
24 LÍNGUAS  
28 PAÍSES



© Sophia Olsson

## SAMEBLOD (SAMI BLOOD)

Um filme de Amanda Kernell  
Suécia, Noruega, Dinamarca



# SAMEBLOD (SAMI BLOOD)

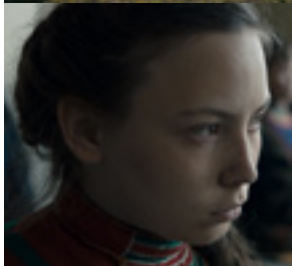
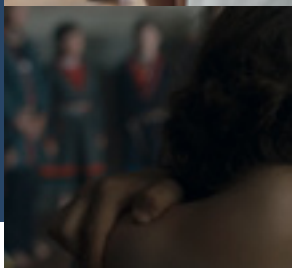
UM FILME DE AMANDA KERNELL

Uma senhora idosa acompanha o filho à sua terra natal, no norte da Suécia, para o funeral da sua irmã. Ela não tem qualquer desejo de restabelecer os laços com a família e a comunidade, que deixou muito jovem. Ao chegar, voltam as recordações: quando jovem adolescente, ela sofreu humilhações por parte de suecos bem-pensantes, procurou ser reconhecida como sua igual e acabou por mudar de identidade para escapar a um destino demasiado estreito. Após todos aqueles anos, apercebe-se de que rejeitar as suas origens significa mentir a si própria.

## UMA ESPÉCIE DE COLONIALISMO INTERNO

O filme de Amanda Kernell não dá qualquer indicação escrita sobre o contexto do filme, como «Lapónia, 1930». Cabe ao espetador formular hipóteses sobre esta região e a comunidade que nela habita, sem dúvida bastante desconhecida de uma grande parte do público europeu. Claramente, o prólogo, com o regresso da senhora idosa no seu país, passa-se na nossa época (automóvel moderno, vestuário com padrão de leopardo...), mas o longo flashback, que constitui a maior parte do filme, não é explicitamente situado no tempo e no espaço.

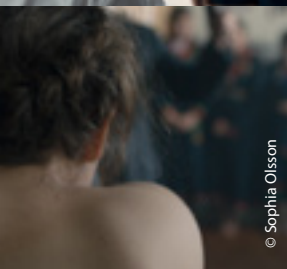
Christina revê a sua adolescência, o tempo em que se chamava Elle Marja. Eis-nos, pois, perante uma família nómada que usa trajes tradicionais: são criadores de renas. As duas filhas devem partir para um colégio interno para receber uma educação sueca: o sami, a língua materna, é aí proibido. Para a mais jovem, Njenna, esse afastamento geográfico e cultural causa um sofrimento intenso. A mais velha, Elle Marja, encara a educação — nomeadamente a leitura de livros — como uma possibilidade de emancipação. Esta emancipação é ainda mais crucial para ela que sofre com o ostracismo dos suecos. Com efeito, os jovens que trabalham perto da escola insultam as crianças samis, identificáveis pelos seus trajes tradicionais e por serem relativamente baixas. De um modo geral, estas crianças são vistas como curiosidades locais. Christina, professora esbelta e loura, ensina-lhes um texto de boas-vindas para os convidados de Uppsala: «sou uma criança pequena e pobre, mas feliz...». Estes convidados não são, como esperam algumas crianças, o rei ou a rainha da Suécia, mas um cientista, um fotógrafo e uma «facilitadora». O primeiro vem efetuar medidas antropológicas (largura do crânio, comprimento do nariz, etc.), o segundo fotografa a fisionomia geral das crianças nuas e a senhora procura acalmar as crianças, maravilhando-se com os seus fatos, a suavidade do seu cabelo («que não é de todo crespo!», diz ela) ou desviando a atenção da professora no momento delicado em que o pudor de Elle Marja é ofendido. Esta é a mais velha das raparigas e deve dar o exemplo, mas está na puberdade. Vive portanto esta nudez como uma humilhação: os visitantes não vieram para se encontrar com jovens cidadãos suecos, mas sim para estudar os representantes de uma «etnia», da mesma forma como se examina o gado. O sentimento de ser reduzido ao estatuto de animal não se vai desvanecer: face a uma nova afronta feita por jovens («permaneceram num estádio de evolução inferior»), Elle Marja revolta-se e exige um pedido de desculpas, mas em vez disso





© Sophia Olsson

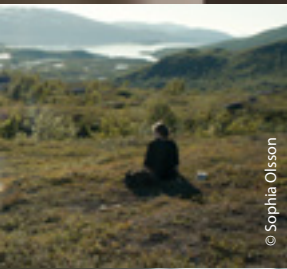
recebe a ofensa extrema: os rapazes atiram-na por terra e marcam-na, como a uma rena, fazendo-lhe um corte na orelha...



© Sophia Olsson

Elle Marja deseja ardentemente abandonar esta região em que o povo sami é estigmatizado e desprezado: formula o desejo de prosseguir os seus estudos em Uppsala, mas a professora recusa tomar as medidas necessárias para isso, alegando que as crianças samis não têm as mesmas capacidades das crianças suecas e que não sobreviveriam na cidade!

Todos estes elementos revelam uma boa vontade apenas aparente por parte dos suecos em relação ao povo sami: estes são mantidos num limbo insustentável. Por um lado, as crianças são escolarizadas, o que é certamente benéfico, e postas (um pouco) em contacto com a cultura, por exemplo quando a professora dá um livro a Elle Marja. Mas, por outro lado, fazem-nas acreditar que são fundamentalmente diferentes e inaptas para a vida moderna. Mais uma vez, os samis são implicitamente equiparados a animais, cuja sobrevivência depende totalmente da sua ligação ao ambiente em que vivem.



© Sophia Olsson

### UMA MUDANÇA DE IDENTIDADE

Para escapar a um destino completamente traçado pela sua família, mas também pelos suecos que a querem manter nesta categoria de pessoas de segunda classe, Elle Marja não tem outra escolha a não ser a de mudar de identidade: mudar de nome (significativamente, adota o nome da sua professora: Christina Lajler); despir o traje tradicional para usar roupas banais, e em seguida queimar o traje, como um sinal da recusa em voltar atrás; não voltar a falar a língua sami, naturalmente; e acabar mesmo por matar uma rena, como um gesto de cólera mas também de rejeição definitiva da vida dos seus pais. Tudo se passa como se a identidade pessoal de Elle Marja fosse mais forte do que a sua identidade cultural, como se existisse um conflito entre estas duas identidades, no qual a segunda impede a primeira de se desenvolver.



© Sophia Olsson

Mas, na verdade, não é assim tão simples. Embora tenha mudado de nome, de traje e de língua, a sua aparência continua a ser a de uma «lapã», como dizem os suecos, um termo pejorativo para os samis. E mesmo os suecos simpáticos, como Niklas e os amigos que este convidou o seu aniversário, não são enganados por essa identidade falsa. Com efeito, em Uppsala, Elle Marja acredita que pode fazer a mudança e ser aceite como qualquer outra jovem, ou quase... Primeiro é recebida, embora com bastante frieza, mas ainda assim fica alojada em casa dos pais de Niklas; entra numa escola e, embora destoe das jovens uniformemente louras e magras, parece fazer uma amiga. Mas a dúvida está sempre lá: é mesmo ela, a jovem Christina, que suscita simpatia, ou é apenas o seu exotismo que é interessante? A cena em que uma amiga de Niklas lhe pede que cante o *joik* (canção tradicional sami) é muito reveladora. Mesmo numa festa de aniversário na cidade, Christina surge como uma curiosidade etnológica...

Por fim, ela será convidada a deixar a casa de Niklas e a pagar as despesas de escolaridade: a sua pobreza, muito oportunamente, vai sobrepor-se às suas origens para justificar a rejeição pelos burgueses de Uppsala. Como se essa rejeição assumisse na cidade uma forma mais civilizada, menos brutal do que no campo...

No entanto, Elle Marja conseguirá transformar-se totalmente em Christina (é o nome pelo qual o filho a chama): munida do cinto de prata do seu pai, ela poderá

financiar os seus estudos. O que se passa em seguida não é mostrado, mas pode supor-se que a determinação de Elle Marja e a sua capacidade de adaptação, das quais a história já mostrou muitos exemplos (a sua resistência perante os jovens desdenhosos, a audácia de ir ao baile com um vestido roubado, a sua imitação dos suecos, como quando levanta o dedo mindinho para beber café), farão o resto.

## A CAMINHO DA RESOLUÇÃO DO CONFLITO

Para o espetador, o conflito de identidade de Elle Marja-Christina é bastante evidente e pode perguntar-se como pode a personagem desejar juntar-se ao campo do opressor. A jovem parece não compreender o paradoxo que consiste em ser vítima da maledicência, da estigmatização, da violência por parte dos suecos e, ao mesmo tempo, desejar ser como eles, fazer parte da sua comunidade, contra a sua própria comunidade. Ao envelhecer, ela continua a rejeitar completamente as suas origens: mostra-se relutante em acompanhar o filho, não quer ouvir o *joik*, finge não compreender a língua sami e recusa ficar em casa da sua família, ainda que apenas por uma noite. Prefere ir para o hotel onde pernoitam os turistas. Aí, troca algumas palavras com alguns destes, que se queixam do ruído feito pelos criadores de renas com as suas motas e que questionam o seu direito de poluir a reserva natural.

Voltar à sua terra natal e ser, mais uma vez, confrontada com o discurso difamante dos suecos em relação ao povo sami, faz regressar o passado à sua memória e atua como um revelador do seu conflito de identidade. Ela mente sobre as suas origens (finge ser originária de Småland), concorda mesmo com a opinião desses turistas desdenhosos e essa mentira contada aos outros surge-lhe finalmente como uma mentira a si própria... e ela começa a chorar. É então que volta a ser Elle Marja: regressa à igreja, abre o caixão de Njenna para se inclinar perante ela e pede-lhe perdão. Sai em seguida para escalar a montanha: é uma imagem comovente ver esta velha senhora desgrenhada voltar a seguir as suas pisadas da infância para chegar ao cume e observar a paisagem. Rever por fim a sua terra, ouvir a manada, andar pelo acampamento no qual abundam as motas e as motos-quatro.

## O CONFRONTO DO PASSADO E DO PRESENTE

Recorrendo ao *flashback*, o passado de Elle Marja está ancorado no presente. Este confronto manifesta-se sob diversas formas. Uma cena repete-se, nomeadamente, no passado e no presente. Elle Marja chama à sua própria irmã «lapã porca» quando esta a vai procurar num momento em que flirtava com Niklas: era suposto o insulto mostrar a Niklas e a todos os presentes nesta cena que ela própria não era uma sami. A adolescente vai depois inclinar-se sobre a cama da irmã para se explicar, mas Njenna finge literalmente que está morta. A cena repete-se no presente: Elle Marja pede perdão inclinando-se sobre o rosto da irmã deitada no caixão, perdão pela rejeição, pela partida, pelo desprezo, mas desta vez Njenna está realmente morta...

O confronto do passado e do presente corresponde também à oposição entre tradição e modernidade, as duas tendências incarnadas pelas duas irmãs. Njenna manteve-se fiel à tradição e o seu elogio fúnebre coincide com um elogio da cultura sami: o gosto pelo *joik* e pela vida pastoral... Tudo aquilo a que Elle Marja voltou as costas. Contudo, a modernidade chegou aos criadores de renas que utilizam agora motas e motos-quatro, o que os torna ruidosos e perturbadores para os turistas em busca de tranquilidade. A tradição preservada mantém os sami num estatuto de atração turística — Elle Marja apercebeu-se disso muito cedo, afirmando que não se quer tornar um animal de circo —, a modernidade coloca obstáculos que perturbam a paisagem e o silêncio... Nenhuma destas duas opções é satisfatória, mas o domínio sueco, social, político e cultural, não parece ter deixado outra escolha ao povo sami.



## TEMAS DE REFLEXÃO

Além dos elementos de análise sugeridos, vários aspetos do filme *Sameblod* merecem uma reflexão adicional.

- A questão das minorias coloca-se naturalmente na Europa. Mesmo que, felizmente, já não conheçamos situações tão extremas como a violência contra o povo sami mostrada no filme, podemos certamente encontrar pontos de comparação entre o filme e situações atuais. Conhece alguma?
- Ao colocar em confronto as personagens de Elle Marja e de Njenna, o filme contrapõe modernidade e tradição. Estas duas opções parecem inconciliáveis. Considera que é possível encontrar uma terceira via intermédia? Pode dar exemplos?
- A personalidade de Njenna, que escolheu perpetuar um modo de vida ancestral, parece confundir-se com a especificidade da cultura sami. Será necessário um distanciamento das origens para podermos exprimir plenamente quem somos?
- As últimas imagens do filme mostram Elle Marja, envelhecida, despenteada, a vagar por entre as tendas do acampamento. Estas imagens podem evocar a lembrança de uma velha *squaw* num acampamento de índios da América. É possível estabelecer uma comparação entre o destino das tribos ameríndias e o do povo sami?

## O CINEMA EUROPEU PARA OS EUROPEUS

Após a edição do ano passado, que assinalou o 10.º aniversário da iniciativa, o Prémio LUX continua a reunir uma enorme variedade de géneros e tons através dos filmes de jovens realizadoras e realizadores europeus talentosos. O Parlamento Europeu tem a honra de apresentar os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE<sup>(1)</sup> 2017:

**120 BATIMENTOS POR MINUTO** (*120 battements par minute*), filme de Robin Campillo, França

**SAMEBLOD** (*Sami Blood*), filme de Amanda Kernell, Suécia, Noruega, Dinamarca

**WESTERN**, filme de Valeska Grisebach, Alemanha, Bulgária, Áustria

Os filmes abordam temas de atualidade, de forma calorosa e inteligente, e refletem o período que a Europa atravessa atualmente. Mostram personagens que abrem os olhos para o mundo que as rodeia para compreender a realidade, bem como as sociedades e as comunidades a que pertencem. Ao expor as nossas histórias sublimadas pela emoção do cinema, a qualidade e a diversidade do cinema europeu são postas em destaque, tal como a sua importância na construção de valores sociais e de comunidades culturais. Estão assim convidados a assistir aos filmes por ocasião da 6.ª edição dos LUX FILM DAYS<sup>(2)</sup>.

### LUX FILM PRIZE

A cultura desempenha um papel fundamental na construção das nossas sociedades.

Neste espírito, o Parlamento Europeu lançou o LUX FILM PRIZE em 2007. Pretende contribuir para aumentar a distribuição de filmes europeus em toda a Europa e incentivar o debate à escala europeia sobre questões sociais importantes.

O LUX FILM PRIZE é uma iniciativa única. Enquanto a maioria das coproduções europeias é exibida apenas no seu país de origem e raramente distribuída noutros países, mesmo dentro da UE, o LUX FILM PRIZE proporciona a três filmes europeus a rara oportunidade de serem legendados nas 24 línguas oficiais da União Europeia.

O vencedor do LUX FILM PRIZE será escolhido por votação dos deputados ao Parlamento Europeu e revelado em 15 de novembro de 2017.

### LUX FILM DAYS

O LUX FILM PRIZE deu origem aos LUX FILM DAYS. Desde 2012, os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE são apresentados a um público europeu mais vasto durante os LUX FILM DAYS.

Os LUX FILM DAYS são um convite a viver uma experiência cultural inesquecível, que ultrapassa fronteiras. De outubro a dezembro, pode juntar-se aos cinéfilos de toda a Europa para assistir às projeções dos três filmes numa das 24 línguas oficiais da União Europeia. Não se esqueça de votar no seu filme preferido no nosso sítio [web luxprize.eu](http://web.luxprize.eu) ou na nossa página no Facebook!

### MENÇÃO HONROSA DO PÚBLICO

A Menção Honrosa do Público é o prémio atribuído pelos espetadores no âmbito do LUX FILM PRIZE. Não deixe de votar num dos três filmes antes de 31 de janeiro de 2018! Terá possivelmente a oportunidade de assistir ao Festival de Cinema Internacional de Karlovy Vary, em julho de 2018, a convite do Parlamento Europeu, e anunciar o filme vencedor da Menção Honrosa do Público.

(1) PRÉMIO DO  
CINEMA LUX.  
(2) DIAS DO CINEMA  
LUX.

VEJA,  
DEBATA  
E VOTE!



@luxprize



#luxprize

LUX  
PRIZE  
.EU

**REALIZADORA:** Amanda Kernell

**ARGUMENTO:** Amanda Kernell

**ELENCO:** Lene Cecilia Sparrok,  
Mia Erika Sparrok, Maj Doris Rimpi,  
Julius Fleischanderl, Olle Sarri, Hanna Alström,  
Malin Crépin, Andreas Kundler, Ylva Gustafsson

**DIRETORES DE FOTOGRAFIA:** Sophia Olsson,  
Petrus Sjövik

**PRODUTOR:** Lars G. Lindström

**PRODUÇÃO:** Nordisk Film Production Sverige  
AB, Bautafilm AB, Digipilot AS, Nordisk Film  
Production  
A/S, Sveriges Television AB - SVT

**ANO:** 2016

**DURAÇÃO:** 110 minutos

**GÊNERO:** Drama

**PAÍSES:** Suécia, Noruega, Dinamarca

**VERSÃO ORIGINAL:** sueco, sami

Manuscrito concluído em agosto de 2017





© Sophia Olsson



© Sophia Olsson